

## CARACTERÍSTICAS DO MERCADO DA MADEIRA DE REFLORESTAMENTO NO BRASIL

**Sebastião Renato Valverde<sup>1</sup>**

A economia do setor florestal brasileiro até o ano de 1965 era pouco expressiva, tanto que as atividades de manejo das florestas plantadas e nativas eram insignificantes e realizadas, na sua grande maioria, em pequena escala e em condições de baixo emprego de tecnologia e gestão. A produção de carvão vegetal tinha como fonte de matéria-prima as florestas nativas. Nesta época, poucos empregos eram gerados e o país importava quase todo o produto florestal industrial. Além disso, não havia interesse por parte dos produtores e empresários de investirem em projetos de reflorestamento devido, entre outras coisas, à baixa rentabilidade, ao longo prazo de maturação e aos riscos elevados.

Com a política de incentivos fiscais ao reflorestamento, que vigorou de 1965 a 1988, ocorreu um crescimento significativo da área reflorestada no país. Os gêneros florestais que mais se destacaram foram *Pinus* e *Eucalyptus*, devido ao rápido crescimento, boa qualidade da madeira, adaptabilidade ao clima e ao solo das regiões sul e sudeste, etc.

Mesmo assim, os reflorestamentos implantados neste período apresentavam produtividades baixas e eram antieconômicos, decorrência da insuficiência de conhecimentos e pesquisas sobre a cultura, inadequação no planejamento do uso da terra, na escolha das espécies e nas técnicas de implantação, além de falhas na política, na legislação, na fiscalização, etc.

As características de longo prazo, baixa rentabilidade, pouca atratividade, baixo coeficiente preço sobre peso específico, exigência de elevado investimento inicial, produção em escala e obrigação legal ao auto-

---

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa na área de Política e Gestão Florestal. Viçosa, MG, 36570 000. [valverde@ufv.br](mailto:valverde@ufv.br)

suprimento levaram as empresas a constituírem grandes extensões de área florestal.

Neste sentido, os grandes maciços florestais dificultavam a existência de outros produtores e consumidores de madeira próximos, eliminando a possibilidade de concorrência e de aumento nos preços, dado o monopólio natural das empresas.

Sendo assim, os preços da madeira de reflorestamento eram controlados e formados pelas grandes empresas florestais nas suas regiões de atuação, isto tornava a atividade menos valorizada, reduzindo a sua atratividade e eliminava o interesse dos produtores rurais em investir nos projetos de reflorestamento.

Felizmente, os gêneros *Pinus* e *Eucalyptus* se adaptaram tão bem no Brasil e graças à avançada tecnologia silvicultural brasileira, promovem aqui produtividades, no mínimo, dez vezes maiores que as de muitos países de clima temperado, muitos deles competidores internacionais.

Este rápido crescimento das plantações florestais confere ao país uma vantagem competitiva invejável e assustadora a estes competidores, devido às condições favoráveis de clima, solo, extensão territorial, mão-de-obra, infraestrutura e capacidade gerencial produtiva.

Inusitadamente, as condições de competências gerenciais só foram possíveis com o fim da política de incentivos fiscais, em dezembro de 1988. Com o término dos subsídios houve uma seleção de empresas florestais que culminou com a falência de muitas delas. No entanto, as que sobreviveram, se fortaleceram e se constituíram em grandes conglomerados de importância nacional e internacional.

Graças ao crescimento das empresas florestais brasileiras e das demandas internacionais por produtos da cadeia, o Brasil tem se tornado um dos maiores países do *ranking* de exportadores do mercado internacional de produtos florestais, conquistando posição e ganhando competitividade de países tradicionais no ramo de celulose, como a Finlândia e a Suécia, respectivamente.

Com a consolidação da globalização, a retomada do crescimento econômico brasileiro e dos países desenvolvidos e o espetáculo do desenvolvimento da China e da Índia, o setor florestal brasileiro vem, ao longo dos últimos anos exportando cada vez mais, destacando-se como um dos setores de maior crescimento da indústria nacional, contribuindo para a geração de mais emprego, renda, impostos, PIB, etc.

Mudanças significativas vêm ocorrendo ao longo dos anos no mercado doméstico e internacional de produtos florestais. A expansão dos já existentes e o surgimento de novos mercados e produtos que se utilizam basicamente da madeira de reflorestamento foram se consolidando aqui e no exterior. Internamente, as indústrias de celulose crescem vertiginosamente e as siderúrgicas estão trabalhando no limite da sua capacidade, as serrarias se multiplicam, bem como as indústrias de compensados e surgiram novos produtos, como o MDF (medium density fiberboard) e o OSB (oriented strand board). A madeira de eucalipto que era utilizada basicamente na produção de carvão e celulose, passa a ser empregada também na serraria, movelaria, construção civil, enfim, ao que tudo indica não há mais restrição para sua utilização.

No entanto, este aumento na demanda pela madeira não vem sendo acompanhado, num mesmo ritmo, pelo aumento na área reflorestada no país. O fato é que, com o fim da política de incentivos fiscais ao reflorestamento, a taxa de aumento da área plantada no Brasil, foi praticamente nula, enquanto o aumento na demanda por madeira continuou crescente, passando a consumir madeiras de antigos povoamentos florestais a longas distâncias, rotulados de inviáveis e madeira de plantações jovens, estoques de crescimento. A questão é que, o colapso da oferta desta madeira hoje é uma realidade que se reflete nos preços.

Uma observação interessante que se faz, refere-se à situação de que as grandes empresas florestais não conseguem mais controlar totalmente os preços da madeira em seu mercado de atuação, pois com o aumento na sua

produção industrial sem o acompanhamento dos plantios, tornam-se mais dependentes da matéria-prima ofertada no mercado.

O acirramento no consumo de madeira vem transformando uma antiga imperfeição de mercado numa condição de concorrência quase perfeita, na qual os preços e as quantidades são estabelecidos no equilíbrio entre as forças de oferta e demanda por madeira de reflorestamento.

Apesar de algumas opiniões catastróficas sobre o “apagão florestal”, a verdade é que muitos benefícios estão ocorrendo e ocorrerão, pois com o aumento nos preços, a produção florestal não, necessariamente, precisaria se concentrar próxima aos centros consumidores de matéria-prima florestal, visto que passaria a compensar o transporte a longas distâncias. Para se ter uma idéia, municípios distantes de 2.000 km do mercado florestal estão se propondo a virarem polos de reflorestamentos. Vide o caso de Tangará da Serra e Mato Grosso. Não tenho dúvida que vingará.

Como o setor florestal brasileiro, principalmente o representado pelas indústrias de celulose e siderurgia, está cada vez mais competitivo no mercado internacional é provável que as exportações brasileiras continuem crescendo. Existe também a possibilidade do país conquistar novos mercados internacionais. Além disso, com a elevação da renda familiar no Brasil, devido ao crescimento econômico brasileiro a partir de 2004, a expectativa é de que o consumo doméstico continue aumentando, colaborando com a elevação da demanda por madeira de eucalipto.

Ao exercitar uma conjectura é possível prever que o mercado e o preço da madeira de eucalipto tenderão a crescer. Assim, existem grandes chances do mercado brasileiro de madeira reger-se sob a ótica da competição perfeita, com isto parcela significativa do abastecimento das empresas florestais virá dos produtores rurais independentes, tendo como vantagens: desconcentração de renda e da posse da terra. Além disso, dado o período de maturação dos projetos florestais, do plantio à colheita, espera-se que o aumento nos preços persista por, no mínimo, seis anos. Mas, mesmo quando a oferta se equiparar com a demanda, certamente os preços

se equilibrarão num patamar superior ao histórico, haja vista a entrada de um grande número de atores econômicos (consumidores e produtores de madeira de eucalipto), neste mercado.

No futuro, a expectativa de uma participação maior dos produtores rurais no abastecimento de madeira industrial aliviará bastante as empresas que, por questões circunstanciais aqui discorridas, tiveram que formar grandes maciços florestais, mas que a partir de um certo momento poderão concentrar seus esforços apenas no processo industrial, ficando a cargo dos agricultores ou de quem de direito, o fornecimento da madeira via mercado. Quem viver verá.